

Paola Schmitt Figueiró

Universidade Feevale

(Novo Hamburgo, RS, Brasil)

paolaadm@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5160-9831>

Vânia Gisele Bessi

Universidade Feevale

(Novo Hamburgo, RS, Brasil)

vania@feevale.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0973-0961>

Sentido do Trabalho: A Percepção de Empreendedores Sociais de Cooperativas de Reciclagem

Meaning of Work: The Perception of Social Entrepreneurs of Recycling Cooperatives

RESUMO

Cooperativas constituem uma alternativa possível de geração de renda para diferentes grupos sociais. Nesta pesquisa o enfoque recai sobre cooperativas de reciclagem e seus cooperados, tratados sob a perspectiva do empreendedorismo social. O objetivo geral é compreender o sentido do trabalho para empreendedores sociais de cooperativas de reciclagem da região sul do Brasil. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, a partir de observação direta e entrevistas. A análise mostrou que, embora os cooperados percebam que exercem um trabalho significativo para a sociedade, muitos não lhe atribuem valor em função de preconceitos sofridos ao longo do tempo e internalizados por eles. Os resultados revelaram que alguns trabalhadores mantêm uma relação de subordinação com os gestores das cooperativas, o que se sobrepõe ao propósito cooperativista do negócio, limitando a autonomia necessária à um trabalho com sentido.

Palavras-Chave: cooperativa; inclusão social; identidade; empreendedorismo social; reciclagem.

ABSTRACT

Cooperatives are an alternative of generating income for different social groups. In this research the focus is on recycling cooperatives and their workers, treated here from the social entrepreneurship perspective. The main objective is to understand the meaning of work for social entrepreneurs of recycling cooperatives in the Southern region of Brazil. We used a qualitative approach with observation and interviews. The analysis showed that although the members perceive that they carry out significant work for society, many do not attribute value to their work due to prejudice suffered over time and internalized by themselves. The results showed that some members maintain a subordinate relationship with the cooperatives managers, which overlaps the purpose of this kind of business, limiting the necessary autonomy to meaningful work.

Keywords: cooperative; social inclusion; identity; social entrepreneurship; recycling.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestao.conexoes@gmail.com

<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em

Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 28/08/2019

Aceito em: 14/12/2019

Publicado em: 24/01/2020

Introdução

A incapacidade do sistema capitalista contemporâneo de absorver o excedente da mão de obra tem gerado duas características marcantes: criação de pequenas atividades mercantis e grande desnível entre a oferta e a procura de postos de trabalho. Destacam-se, nesse contexto, a estrutura histórica do mercado de trabalho e o protagonismo das associações civis sem fins lucrativos, em especial das associações e das cooperativas. Tais estruturas se organizam para a realização de atividades produtivas, a prestação de serviço ou de trabalho de produção e a comercialização de mercadorias (Albuquerque, 2003; Schmidt & Perius, 2003).

Nesta pesquisa o enfoque recai sobre cooperativas de reciclagem, representando um negócio social, e seus cooperados, os empreendedores sociais. Apesar de ser considerado um tema relativamente novo, o empreendedorismo social vem ganhando cada vez mais atenção de pesquisadores, considerando a sua contribuição social e o crescimento no número deste tipo de negócio. Ainda assim, é um tema que está em processo de construção do seu aporte teórico, necessitando de base conceitual e de autores referenciados para que possa alcançar níveis superiores de contribuição (Rey-Martí, Ribeiro-Soriano & Palacios-Marqués, 2016; Rosolen, Tiscoski & Comini, 2014).

O *core business* desse tipo de negócio está relacionado a iniciativas como venda de bens e serviços, simultaneamente com a busca pelo impacto social que pode proporcionar. Adotou-se a perspectiva europeia para negócios sociais, que advém da tradição da economia social (associações e cooperativas), e enfatiza o papel das organizações da sociedade civil com funções públicas (Comini, Barki & Aguiar, 2012).

Apesar dos avanços dos últimos anos, cooperativas e associações de trabalho ainda carecem não apenas de equipamentos, mas de assessoria em diferentes âmbitos ligados à sua gestão, a fim de que seja assegurada a sua viabilidade e sustentabilidade. Outro elemento importante refere-se à necessidade de qualificação dos seus membros, preparando-os e tornando-os verdadeiros sujeitos de seu processo, já que ser um cooperado pressupõe maior participação e envolvimento na vida organizacional.

É neste contexto que atua o projeto de extensão Gestão em Empreendimentos Solidários, desenvolvido em uma universidade da região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul. O projeto visa a apoiar e promover o aprimoramento tecnológico, envolvendo a qualificação de recursos humanos, a geração e a otimização de processos e o desenvolvimento de produtos, buscando a manutenção e o crescimento sustentável das cooperativas.

A equipe, composta por docentes e discentes, busca uma atuação efetiva junto aos empreendimentos, colaborando para a sua qualificação, ampliando a sua capacidade de trabalho e melhorando a sua renda. Outro objetivo do projeto envolve a capacitação dos empreendedores sociais a partir do entendimento de seus perfis e necessidades.

Neste artigo parte-se do pressuposto que o campo de atuação da cooperativa pode interferir no sentido que o trabalho possui para os cooperados, tanto na

dimensão individual quanto na social e na organizacional. Em outras palavras, entende-se que para os empreendedores sociais que compõem o estudo o trabalho pode ser dotado de sentido, na medida em que a atividade que executam está permeada pelo propósito social e ambiental, e que eles são, em última análise, donos do próprio negócio.

Frente a esse contexto, o objetivo da presente pesquisa é compreender o sentido do trabalho para empreendedores sociais integrantes de cooperativas de reciclagem. Ao se pesquisar o empreendedorismo social em seus diferentes aspectos e contextos, é possível ajudar empreendedores sociais na sua busca por amenizar problemas sociais não alcançados pela lógica tradicional de mercado e, conseqüentemente, transformar a sua comunidade em um lugar melhor (Shook, 2014).

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, a partir da observação direta, entrevistas informais e entrevistas semiestruturadas. A coleta de dados ocorreu em quatro cooperativas de reciclagem atendidas pelo projeto de extensão, com um total de 108 cooperados. Os dados foram analisados por meio da triangulação de dados, priorizando-se a análise qualitativa dos relatos dos entrevistados e as observações realizadas à luz do referencial teórico.

Este artigo está estruturado em mais cinco capítulos, além dessa Introdução. A seguir, tem-se dois no referencial teórico, que serviu de base para a coleta de dados e a discussão dos resultados. Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados e, por fim, a análise dos resultados e as considerações finais.

Empreendedorismo social e cooperativas

A abordagem social dos negócios vem recebendo mais atenção da área de gestão e da área acadêmica (Bosma, Schøtt, Terjesen & Kew, 2016; Shook, 2014). Para exemplificar, Păunescu (2014), em pesquisa realizada na base de dados *Web of Science*, indica que, entre 2010 e 2013, foram publicados 252 artigos que apresentam os termos empreendedorismo social e empreendedor social no seu título. De maneira mais abrangente, mas nessa mesma perspectiva, Rey-Martí *et al.* (2016) realizaram estudo bibliométrico a partir da mesma base de dados (*Web of Science*), considerando o período 2003-2015 e o empreendedorismo social como área de pesquisa, obtendo um total de 1.951 artigos científicos.

Tem-se também o relatório especial com foco no empreendedorismo social da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), pesquisa mundial anual sobre empreendedorismo que mostra a evolução destes negócios ao redor do mundo e o aumento da sua visibilidade para a sociedade (Bosma *et al.*, 2016). No Brasil, o número de incubadoras, aceleradoras e fundos de investimento com esse enfoque também vem aumentando (Pipe.Social, 2019).

Pode-se dizer que é uma forma de negócios situada entre organizações que visam a maximização do lucro e aquelas sem fins lucrativos, com objetivos diferentes em relação às empresas em seu formato clássico (Yunus, Moingeon & Lehmann-Ortega, 2010; Yunus & Weber, 2007). Ainda assim, a literatura indica diferentes definições para esse tipo de negócio (Rosolen *et al.*, 2014). Para Shapiro (2012) os termos empreendedor social e empreendedorismo social são complexos,

contestados e mutáveis, com definições, métodos e áreas de engajamento muitas vezes tão únicos quanto os próprios indivíduos que estão inovando nesse campo. O termo refere-se, essencialmente, a pessoas com paixão e foco em mudanças sociais.

De um lado, entende-se que negócios sociais devem gerar riqueza a serem reinvestidas no próprio negócio, e que os ganhos devem ser coletivos. Nessa abordagem enfatiza-se que, para criar um negócio social, é necessário criar uma nova lógica. “Não é simplesmente fazer um outro negócio. Você pertence a uma estrutura lógica completamente nova” (Kickul & Bacq, 2012, p. 457).

Por outro lado, na perspectiva norte-americana os negócios sociais são entendidos como uma organização privada tradicional, cujos consumidores fazem parte da base da pirâmide (Iizuka, Varela & Larroudé, 2015). Nessa linha de raciocínio, a Artemisia, organização sem fins lucrativos pioneira na disseminação e no fomento de negócios de impacto social no Brasil, os define como aqueles negócios capazes de transformar o país por meio da sua lucratividade, com potencial de atender milhares de pessoas de baixa renda (Artemisia, 2019).

Independente da perspectiva, é necessário que o negócio seja rentável, e que tenha como premissa básica a transformação das condições de vida da população de baixa renda (inclusão social, geração de renda e qualidade de vida), combatendo a pobreza e diminuindo as desigualdades. Ou seja, a essência do negócio social é a combinação entre lucro e objetivos sociais e ambientais (Doherty, Haugh & Lyon, 2014; Márquez, Reficco & Berger, 2010).

Os negócios sociais são, portanto, organizações que visam a resolver problemas sociais com sustentabilidade financeira e eficiência a partir de mecanismos de mercado (Comini *et al.*, 2012). Desse modo, o seu *core business* está relacionado a iniciativas como a venda de bens e serviços, simultaneamente à busca pelo impacto social que tais atividades podem proporcionar. Ou seja, a busca pelo lucro não é o principal foco dessas organizações, se tornando necessária meramente para a sua sobrevivência (Iizuka *et al.*, 2015).

Além disso, o principal ponto em comum entre as perspectivas é que os negócios sociais geralmente constroem parcerias com diferentes tipos de organizações e *stakeholders*, e a colaboração entre esses atores é essencial nesse processo. Nesse sentido, Corrêa e Teixeira (2015) abordam em sua pesquisa justamente como empreendedores sociais, durante a fase de concepção dos seus negócios, se valem das suas redes de relações para obtenção de recursos e legitimação organizacional.

Comini *et al.* (2012) apresentam três perspectivas diferentes de definições de negócios sociais. A primeira perspectiva, que é europeia, advém da tradição da economia social (associações e cooperativas), e enfatiza o papel das organizações da sociedade civil com funções públicas. Na segunda, a perspectiva norte-americana, compreende-se os negócios sociais essencialmente como organizações privadas que aplicam a lógica de mercado para a resolução de problemas sociais. Já a terceira perspectiva, predominante em países em desenvolvimento, recai sobre as iniciativas de mercado voltadas para a redução da pobreza e a transformação das condições sociais de indivíduos marginalizados ou excluídos.

No presente estudo utiliza-se como base a perspectiva europeia, tendo em vista que os sujeitos de pesquisa são cooperados que integram cooperativas de

reciclagem. Tais indivíduos, diante do exposto, são chamados de empreendedores sociais.

Ressalta-se que associações e cooperativas podem ser denominadas empreendimentos econômicos solidários, cuja definição remete às diversas modalidades de organizações econômicas, originadas da livre associação dos sujeitos com base em princípios como eficiência, cooperação e viabilidade, e que tem como característica maior, mas não única, aglutinar indivíduos excluídos do mercado de trabalho. As associações de trabalhadores, sob a forma de cooperativas, se constituem uma alternativa às empresas privadas capitalistas (Gaiger, 2003; Misi, 2000).

As primeiras associações de trabalhadores com moldes de cooperação começaram a se formar em meados do século XVIII, na Europa, sob o impacto da I Revolução Industrial, com o intuito de reunir esforços entre aqueles que se encontravam privados do seu principal meio de sobrevivência ao terem a sua mão-de-obra substituída pelas máquinas. Essas organizações são formadas a partir de uma situação social e econômica que leva à busca por alternativas ao mercado tradicional de trabalho. Possuem como características os fortes laços solidários em que se baseiam, a busca da autogestão e a promoção do desenvolvimento humano e local (Gaiger, 2003; Mazzei & Crubellate, 2011; Misi, 2000).

Cooperativas e associações podem ser caracterizadas como "sociedade civil/comercial sem fins lucrativos cuja finalidade é desenvolver atividades de consumo, produção, prestação de serviços e comercialização" (Albuquerque, 2003, p. 7), com base em "valores de autoajuda, reponsabilidade própria, democracia, igualdade, equidade e solidariedade" (Schmidt & Perius, 2003, p.63). Tal formato, somado ao campo de atuação da cooperativa, pode interferir no sentido do trabalho para os seus cooperados. Assim, para dar sequência a esta discussão, apresenta-se o quadro teórico sobre o sentido do trabalho.

Sentidos do trabalho

O tema sentido do trabalho pode ser analisado por diferentes perspectivas teóricas. A compreensão do que constitui trabalho, no entanto, é um ponto de partida fundamental para se entender essa categoria. Para Mendes (2007) o trabalho é uma atividade ontológica, que desempenha papel essencial na estruturação e reconfiguração da identidade do ser trabalhador. O ato de trabalhar é importante para a transformação de si, ou seja, o sujeito se transforma no e pelo trabalho. Em uma perspectiva marxista, o trabalho pode ser compreendido, de forma genérica, como uma capacidade de transformar a natureza para atender necessidades humanas (Marx, 1993).

Seguindo a visão marxista, Antunes (2000) ressalta que o trabalho está no centro do processo de humanização, é fonte de realização do ser e um dos pontos centrais da vida social. O trabalho é a fonte de criação de valores de utilidade, é atividade essencial à vida, atendendo à necessidade de efetivar o intercâmbio entre o homem e a natureza. É uma experiência elementar da vida cotidiana, não apenas um meio de troca.

A relação entre o trabalho e o seu sentido é destacada por diversos autores a partir da realidade social onde é exercido (Antunes, 2000; Borchardt & Bianco, 2016; Morin, 2001). Assim, para que exista uma vida cheia de sentido fora do trabalho, é

necessária uma vida dotada de sentido no trabalho. O sentido do trabalho permite, portanto, a construção da identidade pessoal e social do trabalhador por meio das tarefas que executa, fazendo com que ele consiga se identificar com aquilo que realiza. O contexto onde esse trabalho é desenvolvido também influencia na percepção do seu sentido (Borchardt & Bianco, 2016).

Hackman e Oldhan (1975), psicólogos pioneiros nesse tipo de estudo, definem o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada por três componentes: o significado, que se refere às representações que o sujeito tem de sua atividade, assim como o valor que lhe atribui; a orientação, que é a sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o que guia as suas ações; e a coerência, ou seja, a harmonia ou o equilíbrio que ele espera da sua relação com o trabalho. Assim, para esses pesquisadores, para ser um trabalho com sentido é necessário que o trabalhador entenda o alcance real da sua atividade, que esse trabalho tenha um propósito e que o seu processo seja coerente com esse propósito.

Os estudos acerca dos sentidos do trabalho tiveram contribuições importantes a partir dos anos iniciais da década de 1980, quando um grupo de pesquisadores denominado *Meaning of Work International Research Team* (MOW) passou a conduzir pesquisas em oito países, com o propósito de identificar variáveis que explicassem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho. A partir dos principais componentes do modelo teórico estudado, o sentido do trabalho passou a ser conceituado como um conjunto psicológico multidimensional e dinâmico, formado a partir das variáveis pessoais e ambientais, e influenciado pelas mudanças no indivíduo ao seu redor ou no trabalho (Morin, 2001).

As características organizacionais e a própria organização do trabalho têm relação direta com o sentido que os sujeitos atribuem ao seu labor (Morin, 2001; Oliveira, Piccinini & Fontoura, 2004). A partir das investigações do MOW, Morin (2001) identificou, em suas pesquisas, que algumas condições contribuem para um trabalho ter sentido: variedade das tarefas; afinidade e identificação com o trabalho e possibilidade de se realizar algo do começo ao fim; o significado do trabalho sobre o bem das pessoas, da organização e/ou da sociedade. As pesquisas realizadas pelos pesquisadores do MOW, notadamente aquelas desenvolvidas por Morin (2001), demonstram que o trabalho, além de ser uma fonte de sustento, é um meio para o trabalhador se relacionar com os outros, se sentir parte integrante de um grupo ou da sociedade, ter uma ocupação, além de ter um objetivo a ser atingido na sua vida.

Em busca de uma definição do que seja o sentido do trabalho para os pesquisados, diferentes abordagens metodológicas foram sendo testadas. Pesquisadores mais afeitos às concepções definidas pelo MOW utilizaram questionários, privilegiando uma abordagem quantitativa (England, 1990). Por sua vez, pesquisadores ligados à Escola Sociotécnica, da qual se podem citar os estudos de Emery (1964, 1976) e Trist (1978) como exemplos, entendiam que dados qualitativos estariam mais adequados para o entendimento do tema. Morin (1996, 2002), por sua vez, utilizou uma técnica mista com entrevistas iniciais, visando a construção de categorias de análise para construção dos instrumentos quantitativos.

Seguindo a abordagem mista, Morin, Tonelli e Pliopas (2007) definiram, na pesquisa com estudantes de pós-graduação em administração, algumas categorias para entendimento do sentido do trabalho, que vêm sendo utilizadas desde então em estudos com públicos diversos, tais como o fizeram Oliveira *et al.* (2004) e Matos, Lima, Ferraz, Pitombeira e Paiva (2017). As categorias se referem a três diferentes dimensões: individual, organizacional e social. Elas estão ilustradas na Tabela 1.

Tabela 1

Dimensões do Sentido do Trabalho

Dimensão		Temas recorrentes	
		Um trabalho tem sentido se...	Um trabalho não tem sentido se...
Individual	Satisfação pessoal	Quem o exerce sente prazer, gosta do que faz.	É enfadonho.
		É um desafio a ser superado.	Quem o exerce não tem responsabilidade sobre seu próprio trabalho.
		A pessoa percebe sua contribuição como única e criativa.	Quem o exerce não contribui na sua criação e concepção.
	Independência e sobrevivência	Remunera financeiramente quem trabalha.	
		Permite que algum dia o indivíduo alcance qualidade de vida melhor.	
		Dá a sensação de independência financeira e psicológica.	
	Crescimento e aprendizagem	Crescimento profissional/ aprendizagem.	Não explora o potencial de quem o exerce. Não há crescimento de quem o exerce.
	Identidade	Fornecer identidade o quem exerce.	Há o ócio, se não há trabalho.
		A empresa onde a pessoa trabalha é reconhecida.	
		É símbolo de status	
Organizacional	Utilidade	Quem o exerce percebe o processo do início ao fim.	Ninguém dá importância. Inútil para a organização.
		Tem utilidade para a organização.	
	Relacionamento	A pessoa tem oportunidade de se relacionar com outros.	
Alguém da organização dá o reconhecimento.			
Social	Inserção Social	Permite inserção social.	
	Contribuição social	Contribui para a sociedade.	
		É considerado ético e moralmente aceitável.	

Nota. Fonte: Adaptado de “O trabalho e seus sentidos”, Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2007). *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 47-56.

A dimensão individual refere-se à percepção do sujeito das atividades que executa no trabalho e do quanto elas são instrumentos de satisfação, dotadas de autonomia, que permitem a aprendizagem constante e o crescimento. A segunda dimensão, a organizacional, é aquela afeita aos aspectos ambientais onde o trabalho é executado e aos aspectos de comportamento humano envolvidos no ambiente de trabalho. A dimensão social, por sua vez, refere-se à percepção de contribuição e inserção que o trabalho permite a esse sujeito na relação com a comunidade na qual está inserido. Para se analisar o sentido do trabalho com base nessa abordagem

teórica, faz-se necessário mapear as três dimensões, traçando um quadro mais completo das atividades executadas pelos trabalhadores (Morin *et al.*, 2007).

Entende-se que, para os empreendedores sociais que compõem o estudo, o trabalho pode ser dotado de sentido, na medida em que a atividade que executam está permeada pelo propósito social e ambiental, além de serem considerados donos do próprio negócio, já que são cooperados integrantes de cooperativas de reciclagem. Para comprovar esse pressuposto, o estudo foi conduzido conforme os procedimentos metodológicos apresentados na sequência.

Metodologia

Para atingir o objetivo deste estudo, definiu-se como abordagem a pesquisa qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram observação direta, entrevista informal e entrevista com um roteiro semiestruturado. Conforme Yin (2010), a observação direta é uma técnica relevante por possibilitar a apreensão de alguns comportamentos ou condições do ambiente. A entrevista informal, por sua vez, é uma forma menos estruturada de se coletar dados qualitativos, e permite uma visão geral do problema pesquisado em conversas informais com os atores da pesquisa (Gil, 2008).

A coleta de dados ocorreu em quatro cooperativas de reciclagem, todas atendidas pelo projeto de extensão, com um total de 108 cooperados. Tal projeto realizou oficinas de capacitação com temáticas diversas em cada uma das cooperativas, além das visitas *in loco* realizadas periodicamente. Assim, a observação direta e as entrevistas informais ocorreram por ocasião das oficinas, que abordavam assuntos relacionados a relações humanas, liderança, empatia e solução de problemas, finanças pessoais e gestão de cooperativas. As oficinas e as visitas foram realizadas no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2018, como parte das atividades oferecidas pelo projeto de extensão.

O roteiro semiestruturado foi elaborado de modo a captar os temas presentes em cada uma das dimensões do sentido do trabalho, apresentadas na Tabela 1. Foram realizadas 20 entrevistas no total, com cinco cooperados de cada unidade. Os entrevistados foram escolhidos de maneira aleatória de acordo com a sua disponibilidade, mas seguindo o critério de períodos diferentes em que atuam na cooperativa. Cada questionamento foi elaborado levando em consideração a linguagem mais adequada, sempre com o intuito de evitar algum tipo de constrangimento por parte dos entrevistados. Essa etapa foi realizada no segundo semestre de 2017 e cada entrevista teve duração média de 20 minutos, sendo transcrita na íntegra. A Tabela 2 mostra a quantidade de participantes nas oficinas, bem como a sigla utilizada para identificá-los.

Tabela 2

Sujeitos de Pesquisa em Cada Cooperativa

Cooperativa	Participantes nas oficinas	Entrevistados
Coop1	36	5 (E1 – E2 – E3 – E4 e E5)
Coop2	22	5 (E1 – E2 – E3 – E4 e E5)
Coop3	38	5 (E1 – E2 – E3 – E4 e E5)
Coop4	12	5 (E1 – E2 – E3 – E4 e E5)
Total	108	20

Nota. Fonte: dados de pesquisa.

O conteúdo das entrevistas foi organizado com auxílio de planilha, elaborada a partir das três dimensões do sentido do trabalho. Para fins de análise, foi utilizada a análise de conteúdo a partir da triangulação dos dados. Desse modo, para cada questão e dimensão analisadas foram agrupados os dados decorrentes das entrevistas informais realizadas durante as oficinas, das entrevistas semiestruturadas e da observação direta. Após a tabulação e a ordenação das respostas, foram realizadas uma leitura flutuante, uma leitura aprofundada e, por fim, procurou-se a interpretação inferencial e as relações com o referencial teórico construído para o estudo. Essa sistematização segue as orientações de Triviños (1995) para a análise de conteúdo dos dados qualitativos. A seguir, tem-se a apresentação e a discussão dos resultados.

Análise e discussão

O sentido que o trabalhador atribui ao seu trabalho está diretamente relacionado à sua natureza, à forma como é executado, à sua organização e à sua percepção de valor para si e para os demais integrantes da sociedade (Morin, 2001). Desse modo, para se entender quais os sentidos atribuídos ao trabalho pelos empreendedores sociais de cooperativas de reciclagem, inicialmente têm-se uma breve contextualização das referidas cooperativas.

Caracterização das cooperativas de reciclagem

A coleta de dados desta pesquisa contou com a participação de quatro cooperativas de reciclagem, seguindo a perspectiva europeia de definição para negócios sociais, associada à tradição da economia social (associações e cooperativas), que enfatiza o papel das organizações da sociedade civil com funções públicas (Comini *et al.*, 2012). As unidades de análise desta pesquisa atuam na região do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, formada por 14 municípios e pertencente à região metropolitana de Porto Alegre. Trata-se de uma região essencialmente de colonização alemã, e que sofreu fortes crises econômicas com uma transformação radical em sua matriz produtiva nas últimas décadas. De uma região eminentemente industrial, com grandes plantas produtivas que empregavam milhares de trabalhadores, principalmente na indústria calçadista, vem migrando para

uma matriz econômica diversificada com grande predomínio de serviços (Costa & Froehlich, 2007; Schmidt, Costa & Freitas, 2011). Isso faz com que os trabalhadores dessas cooperativas sejam, em grande número, oriundos da indústria.

As cooperativas alinhadas à perspectiva teórica utilizada nesta pesquisa, são organizações que visam a resolver problemas sociais e ambientais com sustentabilidade financeira e eficiência a partir de mecanismos de mercado (Comini, *et al.*, 2012). Sendo assim, elas se mantêm por meio da comercialização dos materiais coletados. As cooperativas estão caracterizadas na Tabela 3.

Tabela 3

Caracterização das Cooperativas

Cooperativa	Tempo de atuação (em anos)	Nº de Cooperados
Coop1	21	36
Coop2	06	22
Coop3	06	38
Coop4	01	12

Nota. Fonte: dados da pesquisa.

A Coop1 atua com um grupo de cooperados nos seus caminhões, realizando a coleta seletiva externamente. Percebe-se que os seus cooperados, ao serem questionados sobre a sua atividade, se dividem em dois grupos: o 'pessoal da rua' e os que trabalham na usina de triagem. Um diferencial significativo desse empreendimento é a sua independência relativa dos recursos públicos da prefeitura do município, já que recebe somente o local onde a cooperativa opera. Isso foi fundamental principalmente para a concepção da cooperativa, valendo-se do ator governo para a obtenção de recursos e legitimação perante a comunidade (Corrêa & Teixeira, 2015). Outro diferencial é o seu processo produtivo, já que os resíduos, além de triados, são beneficiados, pois a cooperativa conta com equipamentos para lavagem e extrusão dos resíduos, gerando maior valor agregado ao seu produto final.

No que se refere à gestão e ao papel de cada cooperado, percebe-se uma participação ativa de todos e um conhecimento do trabalho, que é compartilhado. Nas várias visitas realizadas durante as atividades do projeto de extensão, aquele cooperado que estava disponível no momento acompanhava os visitantes, não ficando restrito ao coordenador da cooperativa. Há um claro sentimento de fazer parte das decisões. Nessa cooperativa, os cooperados refletem de maneira mais evidente os laços solidários, a autogestão e o interesse pelo seu desenvolvimento, conforme a perspectiva de Mazzei e Crubellate (2011).

As demais cooperativas são de uma mesma cidade, que está em processo de implantação da coleta seletiva, inicialmente em quatro bairros. Nesse município, existe um projeto social, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Social (SDS), que atende aos cooperados em suas diferentes necessidades sociais, já que é uma população com relativa vulnerabilidade social, e realiza o cadastro de novos cooperados. As cooperativas recebem uma verba significativa do município para cobrir gastos como água, luz, transporte, equipamentos de proteção individual, além

de receberem o valor referente ao aluguel dos pavilhões onde exercem as suas atividades.

Conforme mencionado no referencial teórico, as parcerias com diferentes tipos de organizações e a colaboração são essenciais nesse processo. As cooperativas se valem das suas redes de relações (Corrêa & Teixeira, 2015). No entanto, nesse caso trata-se de uma gestão um tanto paternalista, o que gera uma situação de clara dependência das políticas públicas. Como mencionam Kickul e Bacq (2012), os empreendimentos sociais devem gerar riquezas a partir do trabalho dos empreendedores. Nesse sentido, quando a presença do poder público é muito acentuada, gerando a dependência financeira, a autonomia do empreendedor fica comprometida, além de ele estar sempre sujeito às questões ideológicas do partido que ocupa a prefeitura naquele momento.

A Coop 2 está localizada no centro da cidade. Nela atuam cooperados que utilizam veículos de tração humana para recolhimento dos resíduos e um caminhão para coleta em condomínios, comércios etc. O empreendimento já possuiu carrinhos motorizados, obtidos por meio de edital de um banco público, buscando uma alternativa à tração humana. Mas os carrinhos foram abandonados em função dos custos de manutenção. Essa unidade trabalha unicamente com a triagem e a venda dos produtos coletados, sem nenhum processo de beneficiamento. Percebe-se um forte sentimento de subordinação ao coordenador, que exerce uma gestão centralizada, dividindo as decisões com poucos cooperados.

A Coop3 é uma unidade de reciclagem e de transbordo, recebendo todo o resíduo das residências do município. Em termos de estrutura, é a que possui maior espaço, atuando com quatro esteiras de triagem, enquanto as outras três cooperativas estudadas possuem somente uma. Nesse local o trabalho é mais insalubre por receber todos os tipos de dejetos, destinando os que não são passíveis de reciclagem para um aterro sanitário em outra cidade. Das cooperativas estudadas, é o único espaço no qual o urubu, célebre figura presente em todos os antigos 'lixões', pode ser contemplado. É a unidade que recebe mais recursos financeiros do município e, conseqüentemente, possui maior dependência deles.

Mediante ao volume de materiais recebidos, é a cooperativa com maior renda dos trabalhadores. Dessa forma, ela está alinhada à perspectiva de negócios sociais, considerando que é rentável e contribui para a transformação das condições de vida dos seus integrantes, conforme assinalam Márquez *et al.* (2010), tendo em conta que muitos deles eram oriundos do antigo 'lixão' existente no local. Mas, tal qual na Coop2, a gestão é centralizada e o sentimento de subordinação está presente nos cooperados. No entanto, existem empreendedores que manifestam o desejo de exercer a atividade de gestão.

Por fim, a Coop4 se instalou na cidade há menos de dois anos, sendo uma filial de um empreendimento de uma cidade vizinha. É responsável pela coleta seletiva em quatro bairros do município, condomínios, empresas parceiras e escolas. Trabalha com caminhões alugados, que realizam a coleta seletiva. Por ser uma unidade com pouco tempo de atuação, ainda possui poucos cooperados. No que se refere à gestão, possui um presidente com atuação muito voltada para as pessoas, que estimula o envolvimento e a participação de todos no processo decisório. É o empreendimento com o modelo de gestão mais descentralizado entre aqueles estudados.

Considerando que o contexto no qual o trabalho é desenvolvido também pode influenciar na percepção do seu sentido (Borchardt & Bianco, 2016), são discutidos a seguir os resultados obtidos nesta pesquisa em cada uma das dimensões do sentido do trabalho delimitadas por Morin *et al.* (2007), quais sejam, individual, organizacional e social.

Dimensão individual

Na análise da dimensão individual do sentido do trabalho foram considerados os seguintes elementos: satisfação pessoal; independência e sobrevivência; crescimento e aprendizagem; e identidade. Entre as cooperativas investigadas, é na Coop1 que o sentido do trabalho, quando relacionado aos elementos da dimensão individual, fica mais evidente, levando em consideração que os entrevistados sentem orgulho da sua atividade. Ficou claro, tanto nas entrevistas quanto nas observações realizadas, que eles se sentem gratos pela possibilidade de exercerem a atividade nesse local, valorizam o seu trabalho e se identificam com ele.

A dimensão satisfação pessoal tem grande relevância nas cooperativas por serem organizações que, em geral, agrupam indivíduos excluídos do mercado de trabalho (Gaiger, 2003). Relacionada a esse elemento, ressalta-se a fala de E4 (Coop1) abaixo.

Eu me sinto bem. Antes eu trabalhava em indústria e não sabia que o lixo era isso. Eu me sinto bem de trabalhar aqui e não trocaria pelo que eu fazia antes, e também pela importância do nosso trabalho, dar o destino correto para o material.

Nessa mesma perspectiva, E3 (Coop1) evidencia o sentido que o trabalho tem para si, mesmo ciente do preconceito.

[Sinto-me] por isso, por estar fazendo um bem pro meio ambiente. Muitas pessoas veem como: “ah, ele é lixeiro”. [...] eu não tenho vergonha ou nojo de trabalhar com isso. Eu realmente gosto de trabalhar aqui. Eu até teria outras oportunidades fora, mas prefiro ficar aqui.

Percebe-se que, tal como mencionam Borchardt e Bianco (2016), o trabalho realizado na Coop1 é tido como dotado de sentido, já que os indivíduos se identificam com a atividade realizada, atribuindo valor e significado ao trabalho que executam. Por outro lado, na Coop 2 e na Coop 3 os relatos evidenciaram um trabalho menos prazeroso, quando analisada a satisfação pessoal. Nesses casos, os cooperados pareceram menos orgulhosos da sua profissão, mencionando aspectos como a falta de outras oportunidades e o cansaço decorrente da rotina. O entrevistado E2 (Coop3), por exemplo, afirmou que “o serviço é pesado [...] a gente [está aqui] porque precisa”, refletindo a relação entre a ocupação atual e a mera satisfação de uma necessidade. A fala de E3 (Coop3) segue a mesma perspectiva.

No meio dessa correria o que pensa mais é na sobrevivência, né? [...] O ambiente não é fácil, porque é árduo. E tem muito preconceito do trabalho, [...] porque é um trabalho autônomo, não tem uma carteira assinada, não tem uma garantia [de renda]. E o fato [de a] profissão ainda ser mal vista [...], as pessoas não valorizam.

Evidencia-se nesse relato certo desconhecimento do que é ser cooperado. No momento em que o entrevistado cita a falta da carteira assinada, fica claro não se tratar, efetivamente, de alguém que procurou empreender para resolver um problema social com sustentabilidade financeira e eficiência, características determinantes dos empreendimentos sociais segundo Comini *et al.* (2012). Ser cooperado, para essas pessoas, não foi uma escolha consciente, mas a oportunidade que se apresentou de conseguir o seu sustento e o da sua família.

Ainda que com algumas diferenças, nessas cooperativas foi possível perceber um sentimento de gratidão, presente principalmente nos relatos de cooperados acima de 60 anos. Um deles utilizou a palavra 'bênção' para descrever o seu sentimento. Para tais pessoas, a dificuldade de entrar ou de permanecer no mercado de trabalho é maior ainda. Assim, elas percebem a cooperativa como uma oportunidade de contribuir com a renda familiar.

Em relação ao segundo elemento da dimensão individual, a independência e a sobrevivência, pode-se dizer que, de maneira geral, os respondentes parecem gratos pela sua situação atual. Eles deixam claro que, mesmo com um ganho variável, além de não terem direito a férias remuneradas e a décimo terceiro salário, o valor recebido é suficiente para manterem uma situação digna. Cabe salientar que a maioria desses cooperados possui baixa escolaridade, o que dificulta mais ainda o acesso ao mercado de trabalho.

A palavra 'ajuda' foi recorrente nas entrevistas, principalmente na Coop4. O cooperado E3 (Coop4) deixa claro esse sentimento no que se refere à sobrevivência.

Eu ia passar fome [...]. Eu [estava] trabalhando na rua, juntando [...] latinha, papelão, pra [sobre]viver, né? Agora [...] eu [estou] trabalhando aqui dentro, parei de trabalhar na rua.

É possível afirmar que o sentimento de sobrevivência se sobressai à independência propriamente dita, até mesmo porque a percepção de que a situação pode melhorar é presente nos relatos.

Outro elemento que permite inferir que o trabalho não tem sentido no que tange a independência, é o fato de que a remuneração depende exclusivamente da produtividade do grupo, já que os valores recebidos dos convênios com as prefeituras são para despesas da estrutura. Conforme destacado por Morin *et al.* (2007), a sensação de independência é tão importante quanto a independência psicológica, pois diminui a vulnerabilidade dos sujeitos. Quando essa sensação está presente, é mais provável que o trabalho se apresente dotado de sentido na dimensão individual.

Na Coop1, apesar da satisfação do convívio com os colegas, os pontos negativos são a carga de trabalho e o quanto ela interfere no tempo de descanso reduzido e, conseqüentemente, na qualidade de vida. Nesse sentido, E1 (Coop1) menciona que não existem feriados e as férias são bastante reduzidas.

Outro ponto que merece destaque é o fato de muitos cooperados serem oriundos da indústria calçadista que, conforme mencionado anteriormente, elevou o nível de desemprego na região a partir do final da década de 1990. De maneira geral, foi possível perceber que a independência financeira está diretamente relacionada ao poder de compra que a atividade permite, como evidenciado na fala de E2 (Coop2).

Para mim [está] melhorando cada vez mais [...]. Muitas coisas que eu não tinha agora tenho, que antes eu não podia comprar, agora no final do mês eu tenho meu pagamento, eu posso comprar.

Quanto ao terceiro elemento da dimensão individual, crescimento e aprendizagem, pode-se dizer que os entrevistados sentem que o seu potencial é bem explorado, principalmente pelo fato de terem conhecimento de todos os processos, ou seja, estão aptos a trabalhar em praticamente todas as funções operacionais da cooperativa. Eles associam o seu crescimento pessoal ao crescimento da cooperativa a partir da formação de parcerias e pela compra de equipamentos que possam agregar valor ao material.

Também foi possível perceber uma grande associação de crescimento e aprendizagem à oportunidade de ocupar cargos de gestão, como na tesouraria e na presidência. No entanto, principalmente na Coop2 e na Coop3, a formação de grupos de interesse é mencionada como um fator que dificulta a ocorrência de oportunidades de crescimento de forma igualitária para os cooperados, o que reduz significativamente o sentido do trabalho para alguns deles. Em contrapartida, na Coop1 e na Coop4, provavelmente pelo perfil dos coordenadores atuais, que incentivam maior participação na tomada de decisão, os cooperados demonstram uma percepção mais clara das oportunidades de crescimento e aprendizagem. Nesse caso, ficam evidentes os valores reponsabilidade própria, equidade e solidariedade, assinalados por Schmidt e Perius (2003).

Por fim, os resultados referentes ao último elemento da dimensão individual, a identidade, indicam, principalmente na Coop1 e na Coop4, que a participação na tomada de decisão e as sugestões permitem que os seus cooperados tenham maior identificação com o trabalho e com o grupo, que percebem como coeso. O entrevistado E1 (Coop4) menciona a palavra 'família' para refletir tal sentimento.

Unidos nós somos, tanto é que a gente sempre diz que a gente não é colega, a gente é uma família.

Quando se relaciona a identidade com o reconhecimento que a cooperativa possui e o *status* que o trabalho oferece, é possível dizer que o trabalho tem sentido para os seus cooperados. Percebe-se o valor que eles atribuem à atividade em termos de limpeza pública e de preocupação com o meio ambiente.

É muito importante! A cooperativa é muito importante, porque ela trata de separar o lixo. Se não tivesse esse trabalho aqui, esse lixo iria para o aterro, prejudicar mais o meio ambiente daqui [a] alguns anos. Ela é muito importante, só deveria ser mais enxergada pelos que têm mais dinheiro. Incentivar a separação. Que tem gente que necessita viver disso (E1-Coop4).

No entanto, essa não é a mesma percepção de importância e reconhecimento que eles sentem por parte da sociedade. Para o entrevistado E3 (Coop3) isso acontece por falta de conhecimento das pessoas da importância da reciclagem.

Às vezes não se tem conhecimento, falta mais conhecimento do que reconhecimento. É bem difícil (E3 -Coop3)

As entrevistas refletem também a percepção de que, muitas vezes, esses profissionais se sentem invisíveis.

Tem uns que admiram e outros nem cumprimentam (E3-Coop2).

Em contrapartida, percebe-se uma mudança individual de percepção em relação aos resíduos e ao impacto que o comportamento das pessoas tem nas atividades ligadas à reciclagem, como refletida na fala de E2 (Coop4).

Depois que [você] entra aqui [na cooperativa], [você] aprende muito, [você] dá valor para muitas coisas [...]; em casa tudo é lixo, eu vou colocar do jeito que eu quiser e deu. Não é! Se a gente for fazer o certo, olha [o] quanto ajuda as pessoas.

Analisando-se a dimensão individual do sentido do trabalho, percebe-se que, tal como demonstram os achados de Borchardt e Bianco (2016), a natureza da organização a qual os pesquisados pertencem exerce influência significativa no sentido atribuído ao trabalho. A percepção de que as suas atividades impactam positivamente na sociedade, faz com que os cooperados atribuam sentido ao seu trabalho no que se refere à satisfação, sobrevivência, crescimento e aprendizagem, identidade, ainda que com mudanças significativas em cada uma das cooperativas.

Dimensão organizacional

Na dimensão organizacional do sentido do trabalho foram considerados os elementos utilidade e relacionamento. Tal como na dimensão individual, a utilidade do trabalho nessa categoria, na percepção dos cooperados, foi relacionada mais à sua importância para a sociedade do que para a própria cooperativa. Eles compreendem nitidamente que o início das atividades de reciclagem se dá no local em que o resíduo é gerado, ou seja, nas residências e nas indústrias. Nesse ponto, existe descontentamento com a participação da população, que ainda não atingiu um nível de conscientização e comprometimento que garanta qualidade ao resíduo que chega até as cooperativas. A fala do entrevistado E1 (Coop1) vai ao encontro do exposto.

O começo mesmo é dentro da casa das pessoas. Vem muito resíduo orgânico [misturado ao seco], a gente até fez uma campanha, mas não deu muita diferença. E1-Coop1).

Outro ponto que merece destaque é o fato de a maior parte dos cooperados de todas as cooperativas conhecer, na prática, todos os processos, desde a chegada do resíduo até a destinação ao cliente. Assim, alinhada às dimensões de Morin *et al.* (2007), a utilidade é percebida de maneira sistêmica, ou seja, quem exerce o processo o percebe do início ao fim, valorizando até mesmo o trabalho do motorista, no caso das cooperativas que possuem caminhões, e dos colegas que fazem o recolhimento nas ruas. Além disso, alguns cooperados, principalmente na Coop1, demonstram admiração pelas atividades do tesoureiro e do presidente.

Nas cooperativas em que o trabalho em equipe é mais valorizado, como na Coop1 e na Coop4, nota-se uma percepção maior da importância das atividades individuais, como se pode verificar no relato abaixo. Nelas foi possível se notar também maior reconhecimento e valorização de um colega pelo outro.

Se eu faltar vai ficar desfalcado na esteira, ela vai ter que trabalhar com menos velocidade e tem que parar mais vezes. Isso atrapalha, já dá uma caída no trabalho durante o dia, então eu acho que eu sou útil (E4-Coop4).

Em contrapartida, na Coop2 e na Coop3 a percepção de utilidade se apresenta diferente. Para alguns cooperados, como praticamente todos os colegas sabem fazer as mesmas atividades, não existe valorização individual. Isso demonstra um espírito de competição distante da união e do engajamento coletivo, que deveriam existir pelo fato deles serem integrantes de uma cooperativa, em outras palavras, donos do seu próprio negócio.

As percepções referentes à utilidade do trabalho se refletem no relacionamento. Na Coop2 as questões de relacionamento foram mencionadas como um desafio a ser superado, haja vista a formação de diferentes grupos, que chamam de 'panelinhas'. Trata-se de um fator que desestimula a participação, como pode ser visto na fala de E4 (Coop2).

No começo tinha [oportunidade para dar ideias], agora não tem mais, se fechou aquele grupo de umas seis pessoas, e eles decidem tudo aqui dentro (E4 - Coop2).

Na Coop3 os cooperados percebem que as sugestões dadas não são colocadas em prática. De acordo com o entrevistado E1 (Coop3),

escutar, escutam, mas é muito raro uma pessoa pôr em prática algo que a gente conversou na reunião (E1-Coop3).

Já em Coop1 e Coop4 percebe-se maior abertura para ideias e opiniões, com a realização de reuniões semanais que estimulam a interação e as conversas informais no trabalho. Desse modo, fazendo uso da afirmação de Morin *et al.* (2007), esse espaço de fala pode ser um instrumento importante para que os cooperados encontrem sentido no seu trabalho. Porém, o fato deles sentirem que as suas opiniões não são ouvidas, pode gerar o sentimento inverso, ou seja, de certa inutilidade no trabalho.

As peculiaridades de cada cooperativa também se refletem nas oportunidades de relacionamento geradas pelo trabalho. Nas Coop1 e Coop4, de maneira geral, parece haver amizade e união maiores, que vão além do ambiente de trabalho.

A gente é bem unido, a gente tenta todo mundo se ajudar [...]; a gente é uma família, porque a gente [está] sempre ajudando um ao outro (E1-Coop4).

Por fim, na análise da dimensão organizacional do sentido do trabalho percebe-se que embora a cooperativa seja uma organização onde todos os cooperados têm oportunidade de atuar de forma empreendedora e ativa, o papel do coordenador (ou presidente) exerce função substancial na atividade. A forma de gestão e de condução do trabalho influencia diretamente a percepção de utilidade e o relacionamento nas cooperativas pesquisadas.

Tal como mencionaram Hackman e Oldhan (1975) nos seus primeiros estudos acerca da relação dos sujeitos com o seu trabalho, o sentido está muito relacionado com o significado que as pessoas enxergam naquilo que fazem. Assim, cabe aos gestores, em especial os das cooperativas, envolverem os cooperados a ponto de eles perceberem a importância real do seu trabalho para a organização e não somente para a sociedade, ainda que esse seja um aspecto fundamental.

Dimensão social

Na dimensão social do sentido do trabalho foram considerados os elementos inserção social e contribuição social. A inserção social proporcionada pelo trabalho foi um elemento bastante positivo presente nos resultados. Foi mencionada a realização de intercâmbio entre cooperativas para que os integrantes possam conhecer as atividades das outras unidades, e a participação em feiras e outros eventos. Ficou clara a importância desses tipos de iniciativa e a vontade de que haja outras oportunidades semelhantes. Muitos cooperados não têm condições financeiras para um momento de lazer. Assim, atividades fora do seu ambiente de trabalho são oportunidades para eles conhecerem novos lugares e pessoas.

Nesse sentido, associadas principalmente à promoção do desenvolvimento humano e local, conforme assinalam Mazzei e Crubellate (2011), as atividades do projeto de extensão como oficinas e outras ações realizadas nas cooperativas e na própria universidade, contribuem para trazer oportunidades de vivenciar novas realidades. Isso ficou claro nas observações e nas entrevistas informais realizadas. Na Coop3 também existe um coral, coordenado por uma professora de música cedida pela Prefeitura Municipal. Os ensaios acontecem na própria cooperativa e as apresentações em escolas e eventos. Trata-se de outra oportunidade importante de inserção social. Além disso, as cooperativas recebem muitas visitas, principalmente de alunos de escolas municipais, como parte das atividades de educação ambiental, o que permite uma sensação de contribuição social por parte dos cooperados.

O benefício ambiental das atividades é o elemento que mais aparece como contribuição social. Os cooperados demonstram a sensação de que, além de ser uma fonte de renda, é um trabalho que permite que cada um faça a sua parte pela natureza e sirva de exemplo para outras pessoas, como já mencionado na dimensão individual. Ao serem questionados se eles têm a sensação de missão cumprida no final de cada

jornada, os cooperados dizem que, apesar do cansaço e dos desafios que o trabalho pesado gera, a possibilidade de construir a sua casa, de cuidar da sua saúde, de ajudar filhos e netos e de “ter alimento na mesa”, são exemplos de conquistas que propiciam paz e tranquilidade. A seguir, realiza-se uma análise geral do sentido do trabalho para os cooperados entrevistados.

O sentido do trabalho para empreendedores sociais

De maneira geral, pode-se dizer que os cooperados reconhecem que o seu trabalho tem valor perante a sociedade, principalmente em relação aos aspectos que envolvem questões ambientais e inclusão social. Porém, ao mesmo tempo, eles não têm essa mesma percepção em relação à maneira como a sociedade os enxerga. Percebe-se autoestima baixa em relação ao trabalho, tendo em vista que eles não se sentem valorizados. Soma-se a isso a ideia, difundida no grupo, de que a sociedade tem restrições àqueles que trabalham com os resíduos, associando-os à sujeira e ao mau cheiro, à algo que não tem mais utilidade e, até mesmo, à transmissão de doenças.

Este tipo de empreendimento tende a manter certa dependência dos subsídios do poder público. Observou-se que quanto mais subsídios são oferecidos, mais dependentes e menos envolvidos os gestores e os demais cooperados se tornam. Um novo subsídio poderia ser visto como um degrau para outro patamar produtivo, mas acaba se tornando, equivocadamente, uma nova garantia de renda fixa para ser dividida entre os cooperados. Por outro lado, em momentos de crise ou de instabilidade política local há desestímulo interno e menor interesse em aumentar o potencial produtivo.

No entanto, tal dependência das políticas públicas também possui relação com o perfil de gestão de cada cooperativa. A Coop1 se enquadra pouco no padrão observado, pois utiliza a estratégia de agregar valor aos produtos que recicla por meio do beneficiamento e, assim, pode elevar o seu preço de venda. Além disso, para aumentar a produtividade a cooperativa busca parcerias para trabalhar em rede, pois somente ela, de maneira isolada, não separa materiais suficientes para manter o maquinário que realiza o beneficiamento funcionando diariamente. A presença da cooperativa na comunidade também chama a atenção, como se verifica no relato do seu gestor.

Temos um forte reconhecimento do nosso serviço perante a comunidade, [...] recebemos a visita desde creches até universidades.

Nas cooperativas estudadas, percebe-se que os grupos se apresentam de maneira bastante heterogênea. Ao mesmo tempo em que se encontram trabalhadores que prezam, defendem e disseminam o ideal cooperativista, outros agem e se guiam por princípios de subordinação numa clara relação ‘patrão-empregado’. Essa relação, em alguns casos, é alimentada pelos próprios gestores, pautados por uma atuação centralizadora e mandatária. Com isso, o sentido do trabalho cooperativo e do empreendedorismo social se perde em uma clara relação de trabalho capitalista.

Conforme mencionam Comini *et al.* (2012) e Iizuka *et al.* (2015), o empreendedorismo social está associado ao propósito de bem social, e não necessariamente ao lucro. Nesse sentido, os cooperados perdem de vista os preceitos do empreendedorismo social, pois enxergam o seu trabalho quase que unicamente como fonte de renda para si e sua família. Observam-se, assim, empreendedores que assumiram a condição de cooperados por 'necessidade', em função de não conseguirem se colocar no mercado. O trabalho nas cooperativas, para essas pessoas, se configura como a opção possível, anuviando o sentido de um trabalho útil, necessário e importante para quem o executa e para a sociedade.

No que se refere às dimensões do sentido do trabalho investigadas a partir de Morin *et al.* (2007), verifica-se que, para esses sujeitos, o trabalho está muito mais relacionado ao exterior da organização do que à sua atividade propriamente dita. Eles enxergam muito claramente a sua importância na comunidade e no meio ambiente, mas carecem, ainda, de maior envolvimento e valorização da sua própria atividade pela organização e pelos coordenadores.

Conclusões

As cooperativas se constituem uma alternativa possível de geração de renda para diferentes grupos sociais. Nesta pesquisa o enfoque recaiu sobre cooperativas de reciclagem e seus cooperados, os empreendedores sociais. Partiu-se do pressuposto de que, para esses empreendedores, o trabalho pode ser dotado de sentido, na medida em que a atividade que executam está permeada pelo propósito social e ambiental.

Assim, o objetivo da pesquisa foi compreender o sentido do trabalho para empreendedores sociais integrantes de cooperativas de reciclagem. As quatro cooperativas estudadas são atendidas por um projeto de extensão de uma universidade do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul. O contato direto das autoras com os cooperados e seu ambiente de trabalho durante as atividades do projeto de extensão, bem como as entrevistas, possibilitaram o alcance do objetivo proposto.

Foi possível observar que embora os cooperados percebam que exercem um trabalho significativo para a sociedade, que colabora para a preservação do meio ambiente e possui um propósito social, muitos deles possuem autoestima baixa devido aos preconceitos sofridos pela natureza do seu trabalho. Esse sentimento afeta a percepção do seu futuro e do seu próprio envolvimento no trabalho. Alguns cooperados mantêm com os gestores uma relação de subordinação que se sobrepõe ao propósito cooperativista do negócio, limitando a autonomia necessária a um trabalho com sentido. Tal relação é fomentada, em alguns casos, pela história de vida dos trabalhadores, e, em outros, pelos modos de atuação dos gestores.

Ao se analisar as dimensões individual, organizacional e social, percebe-se que para esses cooperados o trabalho é mais dotado de sentido na primeira e na terceira dimensão. Individualmente, consideram o seu trabalho relevante e possuem vinculação com ele pela sua própria natureza. No que se refere à dimensão individual, embora eles estejam inseridos em um ambiente de autogestão, a relação que estabelecem com os gestores interfere significativamente no sentido que atribuem ao trabalho. Na dimensão social, eles possuem plena consciência da importância do seu trabalho, embora entendam que a sociedade os trate com indiferença e preconceito.

Entende-se que a pesquisa pode avançar por meio da realização de novos estudos em cooperativas de outra natureza, até mesmo de outras regiões, trazendo à tona o contexto cultural. As limitações encontradas se relacionam à falta de tempo dos cooperados para realizarem as oficinas propostas ou qualquer outra atividade que demande tempo maior de afastamento das suas tarefas. Ainda assim, entende-se que os resultados da pesquisa contribuem para a área de conhecimento pela cooperativa se tratar de um modelo de negócio viável, que se apresenta como uma oportunidade excelente para diferentes grupos sociais.

Por fim, ao se analisar o sentido do trabalho para esses cooperados, procurou-se, igualmente, dar visibilidade a um grupo de trabalhadores que desempenha um trabalho de valor significativo para a sociedade, mas que não é visto por grande parte da população.

Referências

- Albuquerque, P. P. (2003). Autogestão. In A. D. Catani (Org.), *A outra economia* (pp. 20-26). Porto Alegre: Veraz.
- Artemisia (2019). *Quem somos*. Recuperado de <https://artemisia.org.br/quemsomos/>
- Borchardt, P., & Bianco, M. de F. (2016). Meanings of volunteer work: A study with members of a lutheran institution. *Revista de Administração Mackenzie*, 17(5), 61-84. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n5p61-84>
- Bosma, N. S., Schøtt, T., Terjesen, S. A., & Kew, P. (2016). *Global Entrepreneurship Monitor 2015 to 2016: Special report on social entrepreneurship*. Retrieved from <http://www.gemconsortium.org>. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2786949>
- Comini, G., Barki, E., & Aguiar, L. T. de (2012). A three-pronged approach to social business: A Brazilian multi-case analysis. *Revista de Administração*, 47(3), 385-397. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-21072012000300004>
- Corrêa, R. O., & Teixeira, R. M. (2015). Redes sociais empreendedoras para obtenção de recursos e legitimação organizacional: Estudo de casos múltiplos com empreendedores sociais. *Revista de Administração Mackenzie*, 16(1), 62-95. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n1p62-95>
- Costa, A. B. da, & Froehlich, C. (2007) Trajetória empresarial em cluster calçadista brasileiro: O caso da Paquetá Calçados. *Ensaio FEE*, 29(2).
- Doherty, B., Haugh, H., & Lyon, F. (2014). Social enterprises as hybrid organizations: A review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 16(4), 417-436. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12028>
- Emery, F. (1964). *Report on the hunsfoss project*. London: Tavistock.
- Emery, F. (1976). *Future we are in*. Leiden: Martinus Nijhoff.

- England, G. E. (1990). The patterning of work meanings which are coterminous with work outcome levels for individuals in Japan, Germany and the USA. *Applied Psychology: An International Review*, 39(1), 29-45. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1990.tb01036.x>
- Gaiger, L. I. (2003). Empreendimentos econômicos solidários. In Cattani, A. D. (Org.), *A outra economia* (pp. 135-143). Porto Alegre: Veraz.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Hackman, J. R., & Oldham, G. R. (1975). *The job diagnostic survey: An instrument for the diagnosis of jobs and the evaluation of job redesign projects* (Technical Report n. 4). Retrieved from <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED099580.pdf>
- Iizuka, E. S., Varela, C. A., & Larroudé, E. R. A. (2015). Social business dilemmas in Brazil: Rede Asta case. *Revista de Administração de Empresas*, 55(4), 385-396. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020150403>
- Kickul, J., & Bacq, S. (2012). *Patterns in social entrepreneurship research*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing.
- Márquez, P., Reficco, E., & Berger, G. (2010). Conclusiones: Aprendizajes sobre el desarrollo de negocios inclusivos. In P. Márquez, E. Reficco, & G. Berger (Eds.), *Negocios inclusivos: Iniciativas de mercado con los pobres de Iberoamérica* (pp. 341-376). Bogotá: BID/Amaral.
- Matos, T. M., Lima, T. C. B. de, Ferraz, S. F. de S., Pitombeira, S. S. R., & Paiva, L. E. B. (2017). O sentido do trabalho para garis coletores de resíduos domiciliares. *Anais do Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*, Curitiba, PR, 6.
- Mazzei, B. B., & Crubellate, J. M. (2011). Autogestão em empreendimentos econômicos solidários: Um estudo comparativo de casos em cooperativas de reciclagem de lixo de Maringá- PR. *Rev. Int. Org.*, 1(1), 43-61.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Misi, M. C. (2000). *Cooperativas de trabalho: Direito do trabalho e transformação social no Brasil*. São Paulo: LTr.
- Morin, E. M. (1996). L'efficacité organisationnelle et sens du travail. In T. Pauchaunt (Org.), *La quête du sens: Gerer nos organizations pour la snaté des personnes, de nos sociétés et de la nature* (pp. 257-286). Quebec: Editions de L'Organisation.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 8-19. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Morin, E. M. (2002). Os sentidos do trabalho. In T. Wood Jr. (Coord.), *Gestão empresarial: O fator humano* (pp. 71-75). São Paulo: Atlas.

- Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 47-56. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400008>
- Oliveira, S. R., Piccinini, V. C., Fontoura, D. dos S., & Schweig, C. (2004). Buscando o sentido do trabalho. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Curitiba, PR, 28.
- Păunescu, C. (2014). Current trends in social innovation research: Social capital, corporate social responsibility, impact measurement. *Management & Marketing*, 9(2), 105-118.
- Pipe.Social. Mapa de Impacto 2019: O retrato atual do pipeline de impacto no Brasil. Recuperado de <https://www.pipe.social/mapa2019>
- Rey-Martí, A., Ribeiro-Soriano, D., & Palacios-Marqués, D. (2016). A bibliometric analysis of social entrepreneurship. *Journal of Business Research*, 69(5), 1651-1655. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.10.033>
- Rosolen, T., Tiscoski, G. P., & Comini, G. M. (2014). Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da publicação nacional e internacional. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3(1), 85-105. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v3i1.8994>
- Schmidt, D., & Perius, V. (2003). Cooperativismo - Cooperativa. In A. D. Cattani (Org.), *A outra economia* (pp. 63-72). Porto Alegre: Veraz.
- Schmidt, S., Costa. P. de A., Freitas, E. C. de (2011). Mudanças estratégicas das empresas calçadistas do Vale do Rio dos Sinos. *Organização & Sociedade*, 18(58), 371-388.
- Shapiro, R. A. (2012). *The real problem solvers: Social entrepreneurs in America*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Shook, C. L. (2014). Understanding social entrepreneurship: Let's take a closer look at the man looking in the mirror (guest editorial). *Management & Marketing*, 9(2), 103-104.
- Trist, E. (1978). Adapting to a changing work. *Labour Gazette*, 78, 14-20.
- Triviños, A. N. S. (1995). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (4a ed). Porto Alegre: Bookman.
- Yunus, M., Moingeon, B., & Lehmann-Ortega, L. (2010). Building social business models: Lessons from the Grammen Experience. *Long Range Planning*, 43(2-3), 308-325. <https://doi.org/10.1016/j.lrp.2009.12.005>

Yunus, M., & Weber, K. (2007). *Creating a world without poverty: Social business and the future of capitalism*. New York: PublicAffairs.